



Universidade de Brasília  
Centro de Excelência em Turismo

## **O IMPACTO DO TURISMO NA IDENTIDADE LOCAL**

Um Estudo de Caso - Pirenópolis - GO

Rubia Cynara de Magalhães Pereira

Suzana M. Pádua

Monografia apresentada ao Centro de  
Excelência em Turismo da Universidade de  
Brasília como requisito parcial para a  
obtenção do certificado de Especialista em  
Ecoturismo

Brasília, DF, maio de 2003.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
Centro de Excelência em Turismo  
Curso de Especialização em Ecoturismo

**O IMPACTO DO TURISMO NA IDENTIDADE LOCAL  
UM ESTUDO DE CASO - PIRENÓPOLIS - GO**

Rubia Cynara de Magalhães Pereira

---

Suzana M. Pádua, mestre  
Orientadora

Brasília, DF, 26, maio de 2003

Pereira, Rubia Cynara de Magalhães

**O Impacto do Turismo na Identidade Local:** Um Estudo de Caso – Pirenópolis – GO / Rubia Cynara de Magalhães Pereira.

43 f.

Monografia (especialização) - Universidade de Brasília.

Centro de Excelência em Turismo. Brasília, 2003.

Área de concentração: Ecoturismo

Orientadora: Suzana M. Pádua

1. Identidade 2. Ecoturismo 3. Cultura

Rubia Cynara de Magalhães Pereira

**O IMPACTO DO TURISMO NA IDENTIDADE LOCAL UM  
UM ESTUDO DE CASO - PIRENÓPOLIS - GO**

---

Suzana M. Pádua, mestre

Brasília, DF, 26, maio de 2003

“Nós somos a Terra,  
os povos, as plantas e animais,  
gotas e oceanos, a respiração da floresta  
e o fluxo do mar. (...) Nós aderimos a uma  
responsabilidade compartilhada de proteger  
e restaurar a Terra para permitir o uso  
sábio e equitativo dos recursos  
naturais, assim como realizar  
o equilíbrio ecológico  
e novos  
valores  
sociais,  
econômicos  
e espirituais.  
Em nossa inteira  
diversidade, somos unidade.”

A CARTA DA TERRA - RIO 92

A todos que direta ou indiretamente,  
contribuíram para a realização deste trabalho.

Meu especial agradecimento aos entrevistados,  
pela dedicação de seu tempo e atenção carinhosa,  
protagonistas da construção da identidade  
de Pirenópolis e do povo do nosso Brasil.

Ao meu companheiro, Márlon, que ajudou a tornar  
as viagens de pesquisa de campo ainda mais prazerosas.

A Suzana Pádua, minha orientadora  
dedicada e amável, precisa e atenta.

## RESUMO

A identidade de um povo é constituída no eterno movimento de trocas com o outro, com aquilo que é diferente. Ela se constitui e reconstitui não apenas no que se assemelha mas por contraste. De modo análogo, o turismo representa uma troca – o “*trade off*”. Nesse processo de troca, o turista visita uma localidade para conhecer, para passear, ou descansar e deixa parte de sua cultura no local e leva parte da que visita consigo. Essa troca pode ser positiva para ambos os lados, dependendo da maneira como for planejado, implantado ou monitorado. O ecoturismo é uma atividade sustentável e, por se preocupar com a preservação do patrimônio cultural e natural, diferencia-se do turismo predatório, pois incentiva sua conservação através da interpretação do ambiente e ação educativa do visitante e promove o bem estar das populações envolvidas. No entanto, o que se observa em muitos lugares, e também em Pirenópolis, é uma utilização indiscriminada da terminologia sem a observação das premissas implícitas no conceito produzindo impactos negativos nos modos de vida e cultura peculiares das populações autóctones.

Palavras-chave: Identidade, ecoturismo e cultura.

## ABSTRACT

The identity of a group of people consists of an endless process of exchange of that which is different from the group. It is built and rebuilt not only with what is alike but also with what is contrasting. Similarly, the tourism represents an exchange – a trade off. In the exchange process, a tourist visit a place to get to know it, to promenade or to rest and leaves part of his own culture there and takes part of the local culture with himself. This interchange can be positive to both sides depending on how tourism is planned, established and controlled. Ecotourism is a sustainable activity and because it is concerned with the preservation of the natural and cultural heritage, it differs from the tourism that is predatory, as it encourages its conservation through the environmental interpretation and education of the visitor and through the promotion of the well being of the involved localities. However, what is seen in many places and also in Pirenópolis, is the indiscriminate use of the terminology (ecotourism) with no respect of its premises, causing negative impacts in the way of life and in the singular culture of the population autochthonus.

Key words: Identity, ecotourism and culture.



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Potenciais impactos do ecoturismo .....	10
Tabela 2 – Caracterização dos turistas.....	23
Tabela 3 – Resultados das perguntas referentes ao artesanato local.....	26
Tabela 4 – Melhoria na infra-estrutura em função do turismo. ....	30
Tabela 5 – Aspectos que os moradores sentem saudades .....	33
Tabela 6 – Sentimento do entrevistado frente ao turismo.....	33
Tabela 7 – Análise SWOT .....	37

## SUMÁRIO

RESUMO.....	vi
ABSTRACT.....	vii
LISTA DE TABELAS .....	viii
<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>2. TURISMO – ORIGEM E EVOLUÇÃO .....</b>	<b>3</b>
2.1. ECOTURISMO - MAIS QUE UM CONCEITO.....	5
2.2. ECOTURISMO, EDUCAÇÃO E INTERPRETAÇÃO AMBIENTAL .....	8
2.3. ECOTURISMO E IMPACTOS.....	9
<b>3. ÁREA E ASPECTOS DE ESTUDO .....</b>	<b>12</b>
3.1. PIRENÓPOLIS – UM BREVE HISTÓRICO.....	12
3.2. TURISMO E O PATRIMÔNIO CULTURAL.....	13
3.3. IDENTIDADE CULTURAL E O ECOTURISMO.....	15
<b>4. MATERIAL E MÉTODOS .....</b>	<b>18</b>
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>21</b>
<b>6. CONCLUSÕES .....</b>	<b>36</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>42</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A idéia de escrever uma monografia que enfocasse a questão da importância da identidade local para o ecoturismo, partiu de uma preocupação de que este tem se apresentado com uma roupagem nova a uma prática antiga, sem planejamento, principalmente no sentido da inclusão da integridade cultural das populações autóctones.

Os benefícios econômicos ainda parecem estar sobrepostos aos benefícios sócio-ambientais, trazendo oportunidades de emprego e renda em detrimento ao zelo pela cultura local. Há um certo oportunismo das pessoas que se apoderam desse momento de crise ambiental mundial que vivemos e acoplam o prefixo “ECO” a todo e qualquer serviço oferecido aos turistas de áreas naturais para agregar um valor inexistente e mentiroso de propaganda aos seus negócios.

No caso do turismo, existe hoje o emprego da terminologia ecoturismo para designar um movimento que nasceu da conjunção, especialmente nos últimos cinquenta anos, do crescimento da indústria do turismo e do surgimento do paradigma ambiental, algo longe de “eco-lógico”<sup>1</sup>.

Durante o curso em questão, Especialização em Ecoturismo, foi realizado um trabalho de campo em Pirenópolis no último módulo, “Planejamento em Ecoturismo”, que definiu o campo de pesquisa para um tema já pensado anteriormente para o trabalho final: o da preocupação com a integridade da cultura e as influências do turismo sobre a identidade local.

A importância da identidade coletiva é um aspecto do qual a existência de uma sociedade depende tanto quanto de qualquer outro. São os laços ideológicos/ morais, tecidos de forma objetiva e subjetiva que integram as pessoas. Se podemos falar de culturas é porque eles existem.

---

<sup>1</sup> Baseado num pensamento linear de ganho econômico sem considerar os custos sócio-ambientais.

Nesse sentido, este estudo preliminar pretende se referir a importância da identidade cultural local para o ecoturismo. A questão ulterior nesse trabalho, é como os moradores de Pirenópolis percebem as mudanças na cultura advindas do turismo.

O trabalho se encontra dividido em seis capítulos. A introdução compõe o primeiro. Os dois seguintes fundamentam o referencial teórico: turismo – origem e evolução e área e aspectos de estudo. Também há um capítulo destinado a material e métodos, outro aos resultados e discussões e um último com as conclusões.

No capítulo seguinte, “Turismo – origem e evolução”, é feita uma breve abordagem de como o turismo evoluiu até o conceito de ecoturismo, os aspectos e premissas que o fundamentaram, ainda da importância do seu papel educativo e os potenciais impactos do ecoturismo.

O capítulo 3, “Área e aspectos de estudo”, apresenta um breve histórico de Pirenópolis, os referenciais teóricos sobre a relação do turismo e patrimônio cultural e também os fundamentos conceituais sobre a questão da identidade cultural e sua ligação com o ecoturismo. Em “Material e métodos”, capítulo 4, se encontra como a pesquisa de campo foi realizada, em que período, com quem e quais aspectos foram considerados importantes.

No capítulo 5”, “Resultados e discussões”, são apresentadas as respostas e análises das mesmas. Foi feita uma análise entre a visão dos impactos percebidos pelos moradores tradicionais e aqueles percebidos por moradores recentes<sup>2</sup> nos aspectos: impactos positivos e negativos do turismo, emigração das famílias tradicionais, culinária regional, artesanato local, comércio, lazer das pessoas, melhoria de infra-estrutura básica, festas religiosas, lendas e histórias, sentimento pessoal com relação ao turismo, sobrevivência da cidade sem o turismo e degradação ambiental do entorno.

No último capítulo “Conclusões” é feita uma reflexão pessoal sobre o significado e importância do trabalho, bem como, é apontado um ponto de vista do estudo realizado.

---

<sup>2</sup> Ver definição para o uso deste termo no primeiro parágrafo do capítulo 5.

## 2. TURISMO - ORIGEM E EVOLUÇÃO

A atividade do turismo, como a conhecemos hoje, surgiu no século XIX, porém o turismo estende suas raízes pela história. Algumas formas de turismo existem desde as mais antigas civilizações.

Segundo Héctor Ceballos, há apenas alguns anos, a terminologia ecoturismo não existia e muito menos os princípios hoje representados por ela. Houve ao longo dos tempos viajantes naturalistas como Humboldt, Darwin, Martius, e Wallace que fizeram viagens de estudos. Mas suas experiências não produziram benefícios socioeconômicos significativos para os lugares visitados, nem as atividades desenvolvidas pareciam ter a intenção de ser um meio para a conservação de áreas naturais ou de culturas nativas.<sup>3</sup>

De uma forma geral, o relacionamento do turismo e as áreas naturais não foi muito harmonioso. As raízes do ecoturismo encontram-se na natureza e no turismo ao ar livre. Acredita-se que os primeiros ecoturistas surgiram da visitação em massa aos parques de Yellowstone e Yosemite há um século.

No início do século XX, assistimos a uma mudança drástica e incessante nas viagens a áreas naturais. Em 1909, Theodore Roosevelt fez safári de caça na África para capturar as maiores cabeças e chifres que pudesse encontrar. Nessa época não havia preocupação com a proteção ambiental e a intensificação da demanda estimulou as construções e o *boom* imobiliário que atualmente caracterizam os centros turísticos mais antigos da Europa, quando foram lançados cassinos flutuantes e construídas audaciosas estradas de ferro nas montanhas.

A natureza foi “domesticada”, porém, não necessariamente esquecida, pois as empresas turísticas limitavam seus produtos às estações e ao seu entorno e as civilizações tradicionais tinham seus direitos garantidos (RUSCHMANN, 1997: 20).

---

<sup>3</sup> LINDBERGH, 1999: 25.

Por volta da metade do século XX, safáris fotográficos eram mais populares que as caçadas. Durante décadas, especialmente a partir do término da 2ª Guerra Mundial, o turismo industrial construiu um discurso, uma interpretação da realidade, que instrumentou a sua prática baseada em algumas premissas<sup>4</sup>:

*Os recursos naturais e culturais são a matéria prima do turismo. Estão sujeitos a transformação para obter um determinado produto, são portanto insumos que se apresentam em grandes quantidades e pela mesma razão têm um baixo custo, sendo de acesso livre, razão que permitia utilizá-los intensivamente, sem distinguir os impactos causados sobre eles, sem contabilizar os custos causados na sua exploração e esgotamento em certos casos.*

Esse período, com início nos anos 50 e apogeu nos anos 70 e 80, é o mais devastador e se caracteriza pelo domínio brutal do turismo sobre a natureza e as comunidades receptoras. Caracterizado por excessos e pela arquitetura nas localidades turísticas. Predominavam o concreto, o crescimento desordenado, a arquitetura urbana, a falta de controle de efluentes e esgotos, a criação de marinas, de portos artificiais e de estações de esportes de inverno. Em resumo, esse foi um período catastrófico para a proteção do meio ambiente.

A partir dos anos 70, a qualidade do meio ambiente começa a constituir elemento de destaque do produto turístico: a natureza e as comunidades receptoras ressurgem no setor de empreendimentos turísticos, ainda massificados, porém adaptados à sensibilidade da época.

Os turistas começam a manifestar gostos e preferências diferenciados e a exigir produtos e serviços sujeitos a novos critérios, entre eles a preocupação em valorizar a interação entre turismo e meio ambiente em seu sentido mais amplo.

---

<sup>4</sup> MOLINA, 1999: 30.

## 2.1 ECOTURISMO - MAIS QUE UM CONCEITO

O número de pessoas que visitam áreas naturais vem aumentando significativamente nos últimos anos<sup>5</sup>. Mas o que se vê é uma apropriação de uma tendência em pleno crescimento sem a devida preocupação e responsabilidade dos processos de planejamento e gestão que garantem a salubridade e perpetuidade de um turismo responsável.

*Nos nossos dias, a necessidade de viajar é sobretudo criada pela sociedade e marcada pelo cotidiano. As pessoas viajam porque não se sentem mais à vontade onde se encontram, seja nos locais de trabalho ou seja onde morem. Sentem necessidade urgente de se desfazer temporariamente do fardo das condições normais de trabalho, de moradia e de lazer, a fim de estar em condições de retomá-lo quando regressem. Sentem em seu âmago a monotonia do cotidiano, a fria racionalidade das fábricas, dos escritórios, dos imóveis residenciais e da infra-estrutura rodoviária, o empobrecimento das relações humanas, a repressão dos sentimentos, a degradação da natureza, e a perda do natural<sup>6</sup>*

No contexto da nova revolução tecnológica e dos valores e estilos de vida, começa a surgir um novo mercado. Algumas denominações são utilizadas por diversos autores na tentativa de definir essa nova tendência, por exemplo: o turismo “brando”, a “viagem responsável”, turismo ecológico, ecoturismo ou turismo sustentável.

Trata-se da renovação do turismo, cuja clientela busca a calma, as aventuras e o conhecimento mais profundo dos lugares visitados. O ecoturismo, surgiu de uma necessidade de “viagem” cada vez maior, do ser humano, que vive num ambiente cada vez menos natural, de uma experiência “de retorno à natureza”.

Na década de 90, temos no Brasil uma definição de ecoturismo<sup>7</sup>:

---

<sup>5</sup> O ecoturismo é apontado como a modalidade de turismo de crescimento mais acentuado dos últimos anos (SEBRAE, 1995).

<sup>6</sup> KRIPPENDORF, Jost. Sociologia do Turismo - Para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1989.

<sup>7</sup> Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo, MICT/MMA, março de 1995.

*Ecoturismo é um segmento da atividade turística que utiliza de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem estar das populações envolvidas.*

A garantia da qualidade de vida das comunidades receptoras é o grande eixo central do ecoturismo. Alia-se a ela, os recursos naturais e culturais que dão suporte à essas populações e que no processo de abertura aos ecoturistas se tornam atrativos de seu usufruto. A fragilidade dos meios naturais e culturais de uma localidade deve ser considerada através do planejamento, instalação e operação adequada.

O conceito de sustentabilidade é um conceito relativamente novo e complexo. Existem muitas discussões e pouco consenso, mas pode-se dizer que ambos conceitos evoluíram bastante. Surgido na década de 90, especialmente depois da Eco 92 no Rio de Janeiro, ganhou formas concretas, levando a novas concepções de como desenvolver o turismo e atividades correlatas, de forma sustentável. Foram elaborados nove princípios diretivos com a finalidade de tornar operacional o conceito de sustentabilidade<sup>8</sup>:

1. respeitar e cuidar da comunidade de seres vivos;
2. melhorar a qualidade de vida humana;
3. conservar a vitalidade e a diversidade da terra;
4. reduzir ao mínimo o esgotamento dos recursos não renováveis;
5. manter-se dentro da capacidade de sustentação da terra;
6. modificar as atitudes e as práticas pessoais;
7. facultar às comunidades o cuidado de seu próprio meio ambiente;
8. proporcionar um quadro racional para a integração do desenvolvimento e da conservação;
9. forjar uma aliança mundial.

Podemos observar que diferentemente das premissas que orientaram a prática do turismo logo após a 2<sup>a</sup> Guerra Mundial, esses princípios de sustentabilidade são pautados

---

<sup>8</sup> MOLINA, 2001: 183.



num cuidado que devemos ter com os elementos mantenedores da vida, onde todos têm participação e responsabilidade.

Como toda forma de turismo compreende dois pólos de interesses - o do turista que se desloca para certo local que não o de seu trabalho ou residência (permanece ainda que por uma noite na localidade de destino) e o do local receptor - é necessário que seja considerado:

*(...)como um processo completo que vai desde a divulgação correta da imagem do local a ser alcançado, por meios diversos, pelo turista, sua permanência e satisfação, até a sua volta ao local de origem, de modo que a localidade turística permaneça conservada, no longo prazo, para a continuidade do atendimento qualificado, a garantia das boas condições de vida para a população local e a preservação do meio ambiente envolvido.<sup>9</sup>*

Talvez a palavra “preservação”, empregada acima, não seja adequada pois a idéia de preservação do meio ambiente, é mais comumente utilizada, hoje em dia, para indicar uma não ação, um estado de não interferência. Em vez de preservação, pode-se utilizar conservação para exprimir a idéia de uso manejado, gestionado, controlado.<sup>10</sup>

O sucesso depende do planejamento das atividades ecoturísticas de acordo com os princípios de sustentabilidade, levando em conta a fragilidade dos ecossistemas onde se instalam. Para isso quatro componentes devem ser considerados: a comunidade receptora, os visitantes, o meio ambiente e a própria atividade.

As quatro características a seguir tiveram como eixo de discussão a problemática do relacionamento do turismo com o meio ambiente e foram traçadas a partir de uma concepção do turismo sustentado para a harmonização dos aspectos econômicos, sociais e ecológicos<sup>11</sup>:

---

<sup>9</sup> FARIA, 2001:12.

<sup>10</sup> “Preservar significa proteger, resguardar, evitar que alguma coisa seja atingida por alguma outra que lhe possa ocasionar dano. Conservar significa manter, guardar para que haja uma permanência no tempo” (BARRETO, 2000: 15).

<sup>11</sup> Apresentado pelos membros da Association Internationale d’Experts Scientifique du Tourisme no Congrès de Laiest 1991 - Apud RUSCHMANN, Dóris Van de Meene. Turismo e Planejamento Sustentável: A proteção do meio ambiente. SP, Campinas: Papirus, 1997.

- Respeito ao meio ambiente natural: o turismo não pode colocar em risco ou agredir irreversivelmente as regiões nas quais se desenvolve;
- Harmonia entre a cultura e os espaços sociais da comunidade receptora, sem agredi-la ou transformá-la;
- Distribuição eqüitativa dos benefícios do turismo entre a comunidade receptora, os turistas e os empresários do setor;
- Turista mais responsável e atencioso, receptivo às questões da conservação ambiental, sensível às interações com as comunidades receptoras, educado para ser menos consumista e adotar uma postura orientada para o entendimento e a compreensão dos povos locais visitados.

O importante é se ter em mente que para que haja verdadeiramente o ecoturismo é necessário o planejamento, a gestão, o controle das ações de forma integrada e sistêmica. Se bem planejado de acordo com os princípios da sustentabilidade, o turismo pode ter um impacto positivo e ser um instrumento para a restauração, conservação e revitalização de paisagens naturais e culturais.

## 2.2 ECOTURISMO, EDUCAÇÃO E INTERPRETAÇÃO AMBIENTAL

Para se garantir o objetivo do ecoturismo de conservação do patrimônio natural e cultural, incentivando sua conservação e buscando a formação de uma consciência ambientalista, é necessário que haja um processo intenso e crescente de ações integradas de educação ambiental de forma a promover o bem estar das populações envolvidas e conduzir a experiência do ecoturista.

O sucesso do ecoturismo depende do valor agregado da experiência do ecoturista, que diferentemente do turista convencional, irá inteirar-se ao meio natural para que possa se enriquecer com aspectos culturais e naturais particulares do local visitado.

Pode-se dizer que este é o aspecto inovador do ecoturismo em relação a outros tipos de turismo existentes. A experiência de visitação deve promover o desenvolvimento de

consciência e sensibilidade, aumento de conhecimentos sobre o ambiente visitado e a mudança de atitudes e valores.

O ecoturismo é uma alternativa de desenvolvimento e conservação se levados em consideração os potenciais impactos negativos aos ecossistemas e às estruturas sociais envolvidas e seu forte componente educacional.

Existem poderosas técnicas de interpretação ambiental que podem ser utilizadas para guiar a experiência do ecoturista em determinada visita, que vão desde a divulgação de imagem de propaganda até a elaboração de folhetos, painéis, *folders*, mapas, placas interpretativas e serviços de guias sensíveis ao ambiente e às necessidades dos visitantes.

Através das técnicas de interpretação ambiental é possível revelar significados, provocar emoções, estimular a curiosidade, entreter e inspirar novas atitudes no visitante e prover uma experiência inesquecível com qualidade (MURTA & ALBANO, 2002: 14).

### 2.3 ECOTURISMO E IMPACTOS

O ecoturismo é apontado como a modalidade de turismo de crescimento mais acentuado dos últimos anos (SEBRAE, 1995). Enquanto o turismo de uma forma geral cresce a uma taxa anual de 4%, a taxa de crescimento do ecoturismo varia entre 10% e 30% por ano<sup>12</sup>.

Uma certeza a respeito da atividade turística é que ele causa impactos nos destinos. Esses impactos podem ser positivos ou negativos. É imprescindível uma atitude ética dos planejadores em ecoturismo para englobar os atores envolvidos e procurar encontrar o equilíbrio entre o que pode ser explorado e o que deve ser protegido, tanto no aspecto de utilização do patrimônio natural quanto do patrimônio cultural. Encontrar esta medida é um trabalho difícil e dinâmico, ou seja, deve ser revisto constantemente.

---

<sup>12</sup> Segundo relatório do World Resources Institute (WRI).

Os impactos do turismo são comumente divididos em econômicos, socioculturais, do meio ambiente natural (ou ecológicos). Hoje sabemos que essa separação existe apenas no sentido de compreender a origem dos impactos para tentar minimizá-los ou otimizá-los, mas que eles estão interconectados, e portanto, o impacto econômico, por exemplo, causado num determinado setor de uma sociedade interfere na sociedade toda. A teoria da complexidade usada por Edgar Morin e expressa por Cristina Petraglia<sup>13</sup> se aplica bem a essa idéia:

*O todo é uma unidade complexa. E o todo não se reduz, a mera soma dos elementos que constituem as partes. É mais do que isto, pois cada parte apresenta sua especificidade e, em contato com as outras, modificam-se as partes e também o todo.*

Assim temos uma intrincada rede de conseqüências que podem ser gatilhadas por um único impacto. O que nos interessa aqui é a repercussão desses impactos sobre a população local na qualidade de seus estilos de vida na troca –“*trade-off*” – decorrente da indústria do turismo. Exemplos de impactos do ecoturismo podem ser observados na tabela 1 abaixo:

Tabela 1 – Potenciais impactos do ecoturismo.

	<b>POSITIVOS</b>	<b>NEGATIVOS</b>
<b>SÓCIO-CULTURAIS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Melhoria na qualidade de vida</li> <li>➤ Valorização da identidade local</li> <li>➤ Valorização da culinária local</li> <li>➤ Valorização da música e artes locais</li> <li>➤ Valorização do artesanato</li> <li>➤ Valorização das manifestações tradicionais</li> <li>➤ Valorização e preservação de centros históricos</li> <li>➤ Revitalização de centros históricos</li> <li>➤ Treinamento e ganho de conhecimentos novos</li> <li>➤ Melhoria na infra-estrutura básica</li> <li>➤ Incremento nas Políticas Públicas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Importação de produtos (comidas e bebidas) para satisfazer o desejo dos turistas</li> <li>➤ Introdução de novos hábitos de entretenimento como o jogo (cassinos), ou o consumo excessivo de bebidas alcoólicas e de drogas.</li> <li>➤ Descaracterização do artesanato (produção voltada unicamente para o consumo dos turistas)</li> <li>➤ Vulgarização das manifestações tradicionais</li> <li>➤ Degradação de sítios históricos e de monumentos</li> <li>➤ Exclusão das classes mais baixas da vida dos centros históricos – desapropriação e segregação de espaços públicos</li> </ul>
<b>AMBIENTAIS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Melhoria no saneamento básico e implementação de programas de educação ambiental</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Poluição: ar, água (rios, lagos, cachoeiras), sonora (motores de veículos, ruídos dos turistas e pelos entretenimentos criados por eles) e lixo.</li> </ul>

<sup>13</sup> PETRAGLIA, Cristina. Edgar Morin: A Complexidade do ser e do saber, São Paulo: Vozes, 1995.

---

ECONÔMICOS	➤ Criação de programas de proteção da fauna e da flora	➤ Degradação da paisagem, destruição de fauna e flora
	➤ Expansão do setor da construção	➤ Geração de renda
	➤ Expansão do setor primário da localidade	➤ Inflação do custo de vida ➤ Especulação imobiliária ➤ “Monocultura” do turismo

---

A complexidade do efeito do ecoturismo pode portanto significar ganhos sócio ambientais ou perdas que representam a descaracterização das regiões onde a atividade ocorre.

*“O autêntico ecoturismo não é um produto a mais no mercado tradicional”* (MOLINA, 2001: 160). A ele está associado o esforço de sustentabilidade, que como defendem algumas instituições<sup>14</sup>, deveria *“melhorar a qualidade de vida humana sem ultrapassar a capacidade de sustentação dos ecossistemas que a mantém.”*

---

<sup>14</sup> Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) e o Fundo Mundial para a Natureza (WWF).

### **3. ÁREA E ASPECTOS DO ESTUDO**

Neste capítulo é apresentada uma análise fundamental dos aspectos elencados como importantes para se compreender os efeitos de um ecoturismo já implementado. A escolha de Pirenópolis como palco de tal estudo se deu pelas características da região, por sua proximidade com a capital do país e pela procura de muitos anos por turistas de toda parte do Brasil.

#### **3.1 PIRENÓPOLIS - UM BREVE HISTÓRICO**

Pirenópolis nasceu de um pequeno arraial minerador no início do século XVIII e cresceu aos pés da Serra dos Pireneus. Constitui-se hoje em um dos mais ricos acervos patrimoniais do centro-oeste. A cidade foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional em 1989.

Apesar de ter sido um centro urbano de rápido crescimento até o fim do século XIX, Pirenópolis conservou suas características originais por ter tido a oportunidade de experimentar um período de estabilidade e isolamento durante o século XX. Isso a manteve intocada em relação às transformações do desenvolvimento. Essa particularidade manteve a cidade como um centro vivo, criativo e de forte apego a seus valores tradicionais e manifestações de cultura.

Pirenópolis traz consigo duas vertentes responsáveis pelo fortalecimento da cultura local; o bem patrimonial conservado íntegro e o pensar e fazer cotidiano de seus moradores, que ainda pautam tradições seculares não abaladas pela contemporaneidade.

A cidade de Pirenópolis manteve-se como testemunho vivo dos primeiros tempos da ocupação do território goiano. Alicerçou-se sob a feição do arraial das primeiras décadas do século XIX, que vivia então o auge de sua prosperidade e cultura. Hoje constitui-se em um bem histórico de valor inestimável, tanto para o estado de Goiás como para a nação.

O arraial foi criado em 1727; elevado a vila em 1832; a vila foi elevada a categoria de cidade em 1853. O nome de Pirenópolis (1890), significa cidade dos Pireneus.

Distante 150 km de Brasília e 120 km de Goiânia, a cidade conta com uma diversificada rede de hotéis, pousadas e *campings*. Além disso, existem restaurantes que servem desde a boa comida regional à culinária internacional. Suas ruelas estreitas e suas não tão imponentes ladeiras abrigam um variado e autêntico artesanato misturado a um “*industriano*” (BARRETO, 2000: 25) encontrado em todo Brasil.<sup>15</sup> Seu entorno é abençoado por uma exuberante natureza e atrativos naturais.

Os Pirenopolinos levam muito a sério suas tradições e crenças. Suas festas regionais são mundialmente conhecidas e prestigiadas. Nas épocas festeiras, principalmente durante As Cavalhadas, a cidade fica totalmente tomada e os familiares que não moram mais na cidade retornam para festejar suas tradições.

### 3.2 TURISMO E O PATRIMÔNIO CULTURAL

Os últimos 50 anos assistiram a uma intensa expansão da atividade turística o que levou a um crescente interesse de pesquisadores a estudarem as conseqüências da mesma nos meios ambientes naturais e culturais.

Muitas advertências foram feitas no fim da década de 1970 com base no que foi observado dos efeitos sobre o patrimônio cultural e arquitetônico. Em países europeus houve uma preocupação relacionada aos tesouros históricos arquitetônicos que perduraram durante milênios e se encontravam ameaçados de deterioração só pela quantidade de visitantes que passavam em seu interior (BARRETO, 2000: 7).

---

<sup>15</sup> Segundo informações do Secretário de Cultura e Turismo, Itamar Gonçalves Bastos, o município conta com cerca de 70 hotéis e pousadas, 60n restaurantes e mais de 35 lojas de artesanato.

Pirenópolis vem recebendo uma quantidade de visitantes cada vez maior. Uma prova disso é o número crescente de pousadas e lojas de artesanato nos últimos anos.<sup>16</sup> Esse aumento no número de visitantes e a falta de planejamento e controle da atividade turística, bem como de incremento na infra-estrutura básica, vem levantando questionamentos a respeito da integridade do patrimônio cultural<sup>17</sup>, que podem causar danos irreversíveis à cultura local.

Essa nova configuração propõe uma reestruturação do turismo de forma a garantir o equilíbrio ecológico sem agressão à flora e à fauna, levando em conta as tradições da população, sobretudo no que diz respeito a sua capacidade de acompanhar o processo e inserir-se nele.

Preocupados com a questão, um grupo de cidadãos de Pirenópolis fundaram uma associação denominada Pirenópolis: Ontem, Hoje e Sempre. A associação é uma entidade civil sem fins lucrativos, fundada em 13 de junho de 2001. No artigo 2º do capítulo I do “Estatuto da Associação” está definida a finalidade da mesma:

*A finalidade da Associação é **defender** a família pirenopolina, a tradição, a identidade, a moral, os bons costumes, o bem-estar, o sossego, o regionalismo, o folclore, o patrimônio humano, cultural, físico e artístico, proporcionando a centenária Pirenópolis condições de permanecer como sempre foi, ou seja com as belezas físicas, humanas e culturais em suas raízes originárias, sem perder a virtude que tanto atrai moradores de longínquas regiões que aqui aportam para somar ao ambiente sem submetê-lo as suas vontades individuais.*

Essa é a questão chave da relação turismo x cultura em Pirenópolis: há uma queixa generalizada de que alguma coisa precisa ser feita para controlar a atividade.

---

<sup>16</sup> Fato relatado nas entrevistas com moradores.

<sup>17</sup> Na Constituição Federal de 1988 o Art. 216 reza: “Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.”



### 3.3 IDENTIDADE CULTURAL E O ECOTURISMO

A relação entre o meio ambiente e o ecoturismo é inegável já que o primeiro constitui a matéria prima do segundo. Por meio ambiente, podemos entender a biosfera - as rochas, a água e o ar que envolvem a Terra, juntamente com os ecossistemas que eles mantêm, e também, as construções humanas como as casas, cidades, sítios arqueológicos, monumentos históricos e as diversas formas de produções culturais que expressem o modo de vida do homem e que o distingam de outras comunidades (RUSCHMANN, 1997).

A garantia da qualidade de vida das comunidades receptoras é o grande eixo central do ecoturismo. Alia-se a ela, os recursos naturais e culturais que dão suporte à essas populações e que no processo de abertura aos ecoturistas se tornam atrativos de seu usufruto. A fragilidade dos meios naturais e culturais de uma localidade deve ser considerada através do planejamento, instalação e operação adequada.

A questão da discussão da identidade local é essencial nas regiões que se preparam para o ecoturismo, pois se constitui em uma poderosa ferramenta na minimização de possíveis impactos negativos sócio-culturais decorrentes das trocas da atividade ecoturística.

É imprescindível que o coletivo esteja consciente e preparado para a abertura das suas portas à atividade de Ecoturismo pois são as práticas do meio social que determinam a natureza dos problemas ambientais e é neste contexto que surge a necessidade de se praticar a gestão ambiental.

A gestão ambiental é tida como um processo de mediação de interesses e conflitos entre atores sociais que agem sobre os meios físico natural e construído. Este processo de mediação é uma dinâmica constante definindo e redefinindo o modo como os grupos sociais, através de suas práticas, alteram a qualidade do meio ambiente e, também, como se distribuem na sociedade os custos e os benefícios decorrentes da ação destes agentes.

Daí a importância da questão da identidade comunitária como parte de um processo de pensar e refletir a práxis do social:

*O reconhecimento da pluralidade e diversidade cultural está interligado ao exercício da cidadania e à participação. A medida em que constroem e atualizam, no dia-a-dia, suas referências e suas condições de sobrevivência, os grupos sociais delimitam suas identidades (compreendida como uma configuração dinâmica). A identidade, ou conjunto de referências através do qual um grupo social pode se reconhecer, viabiliza a coesão do grupo e um maior grau de autonomia e participação nas ações sociais, políticas e econômicas. Ao mesmo tempo, este grau de participação e autonomia reverte no fortalecimento da identidade cultural. Em sentido inverso, a perda da identidade cultural contribui para a desagregação dos grupos sociais, levando-os à consolidar posições de dependência, acomodação e impotência frente à dominação de grupos hegemônicos.<sup>18</sup>*

A identidade de um grupo de pessoas suscita o conceito de relação - do indivíduo e do coletivo com o “outro”. Podemos dizer que a construção do outro e do mesmo são indissociáveis.

*No pensamento pós moderno , a identidade é vista como algo móvel, sempre em construção, que vai sendo moldada no contato com o outro e na releitura permanente do universo circundante. O contato entre turistas e residentes, entre a cultura do turista e a cultura do residente, desencadeia um processo pleno de contradições, tensões e questionamentos, mas que, sincrônica ou diacrônicamente, provoca o fortalecimento da identidade e da cultura dos indivíduos e da comunidade receptora e, muitas vezes, o fortalecimento do próprio turista que, na alteridade, se redescobre (BARRETO, 2001:19).*

A proximidade de grandes capitais (Goiânia, Distrito Federal) e a existência de um Patrimônio Histórico e Artístico Nacional divulga a região e, de certa forma, com a abertura e manutenção de estradas e a oferta de lazer baratos, estimula o turismo. O povo Pirenopolino vive nessa situação de contato - às vezes com milhares de visitantes - o questionamento da sua identidade.

---

<sup>18</sup> Oliveira, E. M, Quintas, J. S. e Gualda, Maria José - Diretrizes para Execução da Política Nacional de Meio Ambiente/Educação Ambiental - proposta preliminar para discussão. Brasília, 1991

Muito do discurso e das atitudes dos moradores encontra o seu significado numa reação ao movimento do turismo que juntamente com o progresso trouxe uma nova construção social. A situação de contato com o outro agudiza esse processo, porque no diferente há um desafio, o da crítica a si mesmo.

*A discussão dos pontos de vista, das visões de mundo, vai moldando esse caráter de oposição da identidade. Na sua forma coletiva, força uma resposta abrangente do grupo. O que eu sou é também o que eu sei, se não sei, desfaço-me. Busca-se resistir à injunções que desautorizam o grupo da capacidade de determinação do que é melhor para ele, do seu destino. A feição cultural particular está em jogo e o resultado pode ser a persistência, a incorporação de novos valores ou até o aniquilamento (SILVEIRA, 1997).*

#### 4. MATERIAL E MÉTODOS

Para analisar se o turismo trouxe mudanças na identidade dos Pirenopolinos foi feita uma comparação entre a forma como a população de moradores tradicionais<sup>19</sup> vê essa interferência no seu cotidiano e como as pessoas que chegaram de outros lugares e escolheram a cidade de Pirenópolis para viver vêm esse movimento.

Para a coleta de dados foi utilizada a técnica de entrevistas semi-estruturadas realizadas com 20 (vinte) pessoas, moradoras da cidade de Pirenópolis, durante os finais de semana de 8 de fevereiro a 9 março de 2003. Dos vinte entrevistados, dez são considerados moradores tradicionais. Este grupo é formado por pessoas com idade média de 60 anos. Os outros dez entrevistados, são moradores recentes que vieram de outras cidades e escolheram Pirenópolis para residir por vários motivos.

Não houve um planejamento prévio na escolha das pessoas da comunidade que seriam contatadas para a realização das entrevistas. O Secretário de Cultura e Turismo, Itamar Gonçalves de Bastos<sup>20</sup>, aconselhou algumas pessoas que seriam interessantes de se entrevistar dado o tipo de pesquisa. A partir destas pessoas outras foram sendo indicadas pelos próprios entrevistados.

É interessante observar que a metade dos entrevistados das famílias tradicionais, têm ou tiveram, um histórico artístico e carregam com eles parte da memória da cidade<sup>21</sup>.

Os habitantes tradicionais com idade de 34 a 92 anos, foram assim divididos:

- Violinista e compositora (A), 70 anos;
- Fazendeira e pintora (B), 81 anos;
- Pintor (C), 68 anos;
- Educadora e dona de casa (D), 53 anos;

---

<sup>19</sup> Ou seja, seus pais e avós ali também residiam

<sup>20</sup> O Secretário de Turismo foi a primeira pessoa a ser contatada. Muito solícito e prestativo.

<sup>21</sup> Acredita-se que isso foi de extrema relevância, já que é dito que os artistas captam a essência da realidade dos tempos antes dela chegar ao consciente coletivo.

- Aposentada, membro da Associação Pirenópolis: Ontem, Hoje e Sempre (E), 77 anos;
- Contador de histórias (F), 78 anos;
- Funcionário Público Estadual e comerciante (G), 47 anos;
- Dona do Museu das Cavalhadas e poetisa (H), 72 anos;
- Aposentado, ex-farmacêutico (I), 92 anos;
- Joalheira e empresária(J), 34 anos;

Os moradores recentes variam de 42 a XX anos. Assim foram divididos:

- Professora e ceramista (K), 42 anos;
- Comerciante e dona de bar/ restaurante (L), 52 anos;
- Joalheiro (M), 46 anos;
- Arquiteto e designer (N), 54 anos;
- Empresária, artista e tecelã (O), 48 anos;
- Artesã em jóias (P), 47 anos;
- Comerciante (Q), 50 anos;
- Empresária (R), 43 anos;
- Ecologista e dono de agência de ecoturismo (S), 27 anos;
- Comerciante, geógrafo (T), 42 anos;

A entrevista foi realizada a partir de um roteiro (Apêndice A) estruturado para averiguar os aspectos identificados como importantes a serem comparados. Os principais aspectos abordados foram:

- impactos positivos do turismo;
- impactos negativos do turismo;
- emigração das famílias tradicionais;
- culinária regional;
- artesanato local;
- comércio;
- lazer das pessoas;
- melhoria de infra-estrutura básica;

- festas religiosas;
- lendas e histórias;
- sentimento pessoal com relação ao turismo’;
- sobrevivência da cidade sem o turismo;
- degradação ambiental do entorno.

As pessoas entrevistadas foram consultadas da sua disponibilidade para responder o questionário. Algumas foram realizadas já no primeiro contato, outras agendadas para um momento mais oportuno.

O tempo de entrevista variou muito. As pessoas mais tradicionais tomaram mais tempo para responder ao questionário fazendo grandes menções à riqueza das artes do passado, motivo esse de orgulho para os mesmos. Já os moradores recentes demonstraram uma preocupação referente à rapidez na evolução das transformações advindas do crescente número de turistas nos últimos anos, principalmente com relação à mudança no tempo e espaço das atividades do dia-a-dia e que deu a tônica na entrevista, ou seja, devido à rotina das atividades comerciais serem intensificadas nos finais de semana, o tempo de resposta aos questionários foi reduzido, sem grandes divagações.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

É clara a evidência de que com o turismo houve uma assimilação de novos hábitos no dia-a-dia do pirenopolino. Essa assimilação é pautada na troca dos modos de fazer e viver, fruto do estreitamento das distâncias geográficas e facilidade de acesso aos visitantes.

A questão da construção da identidade, ou melhor, das identidades coletivas, é algo vivo, multidisciplinar<sup>22</sup> e que se dá, a todo momento. É na alteridade<sup>23</sup> que ela se manifesta, seja em seu aspecto religioso, social, político, geográfico, natural, etc.

Ela aparece, na maioria das vezes, de forma inconsciente e intempestiva e quando é colocada em jogo, quando há uma crise. Não é fruto de um processo coletivo, reflexivo mas de uma falta de intencionalidade construtiva.

Podemos ver que muitos são os aspectos considerados positivos advindos da atividade turística. Acima de tudo, ela é uma atividade econômica, traz geração de renda, empregos e oportunidade de ganho de novos conhecimentos. Os benefícios citados pelos moradores tradicionais foram:

- empregos (citado 5 vezes);
- renda (citado 3 vezes);
- melhoria no comércio (citado 2 vezes);
- profissionalização de serviços;
- maior interesse na vida profissional;
- valorização das casas;
- troca de conhecimentos;
- fonte de cultura;
- revitalização da cidade;
- progresso;
- desenvolvimento espiritual;

---

<sup>22</sup> Assim como o turismo que é uma ciência social.

<sup>23</sup> “A construção do outro e do mesmo são indissociáveis(...)” (ARRUDA, 1998: 42)

- reconhecimento da cultura.

Já os benefícios citados pelos moradores recentes foram:

- movimento no comércio (citado 2 vezes);
- renda (citado 2 vezes);
- emprego (citado 2 vezes);
- troca cultural;
- estímulo para a comunidade se organizar para receber o turista;
- valorização das festas tradicionais e da música;
- valorização da cidade;
- profissionalização de algumas artes (pedreiro);
- perspectiva de desenvolvimento de um novo setor econômico;
- progresso;
- qualidade de vida;
- educação;
- informação;
- fonte de recursos;
- mudança na mentalidade;
- conscientização na preservação;
- enriquecimento da parte histórica;
- revitalização das casas históricas.

Os benefícios, no entanto, representam alguns aspectos não tão promissores. O estreitamento de distâncias e a inclusão do município como um destino turístico, somado ao uso da imagem “ecoturística” atraiu um número cada vez maior de pessoas em busca do verde e da diversão barata.

Quando perguntados: “O que o turismo trouxe de ruim para Pirenópolis?”, a grande maioria fez distinção de pelo menos dois tipos de turistas que visitam a região. Várias foram as denominações pejorativas utilizadas para caracterizá-los. A caracterização é dada pelo tipo de comportamento destes visitantes e pela intenção da visita. Na primeira coluna



da tabela 2 encontram-se expressões utilizadas para justificar a maioria dos aspectos ruins citados em resposta a esta pergunta e na segunda coluna o tipo de turista que traz os benefícios já citados.

Tabela 2 – Caracterização dos turistas.

<b>TURISTAS QUE TRAZEM BENEFÍCIOS</b>	<b>TURISTAS QUE TRAZEM MALEFÍCIOS</b>
➤ farofeiros	➤ civilizados
➤ mal esclarecidos	➤ bem esclarecidos
➤ marginais	➤ educados
➤ bagunceiros	
➤ baderneiros	
➤ vagabundos	
➤ mal educados	

Podemos ver que, para os moradores tradicionais, os benefícios que mais apareceram estão ligados diretamente a aspectos econômicos. Já para os moradores recentes, o econômico também está presente mas aparece acompanhado de fatores de valorização da cultura e da cidade que são aspectos mais subjetivos. Interessante observar que a maioria dos moradores recentes vivem do comércio.

Na pergunta seguinte: “As famílias tradicionais de Pirenópolis saíram para morar em outra cidade?”, a diferença de opinião é bem grande entre os dois grupos. Enquanto oito dos moradores tradicionais responderam que sim, apenas dois moradores recentes pensam que as famílias tradicionais saíram para morar em outra cidade. Do primeiro grupo, cinco pessoas justificaram a saída para buscar estudos para os filhos e que os mesmos voltam eventualmente para Pirenópolis na época da Semana Santa e da Festa do Divino Espírito Santo. Quanto ao segundo grupo, dois moradores recentes justificaram a saída das famílias tradicionais pelo mesmo motivo, ou seja, busca de estudos para os filhos e afirmaram que os mesmos voltam na Semana Santa e na Festa do Divino Espírito Santo, sendo que uma outra pessoa justificou que as famílias tradicionais foram em busca de recursos e que voltam em feriados, férias ou finais de semana.

Diante da diferença de opinião entre os dois grupos, podemos sugerir que o tempo de moradia influenciou no conhecimento dos fatos vividos pelo grupo de moradores

tradicionais. As respostas são, portanto, baseadas em suposições, sendo que mesmo entre o primeiro grupo as respostas podem não corresponder à realidade, dado que esta amostragem não é suficientemente grande que permita fazer inferências mais decisivas.

Quanto à pergunta seguinte, se existem pratos típicos de Pirenópolis, nove dos dez moradores tradicionais responderam que sim. Os pratos citados foram:

- arroz com pequi (citado 7 vezes);
- empadão (citado 4 vezes);
- guariroba (citado 4 vezes);
- feijão tropeiro (citado 2 vezes);
- catolé;
- lombo recheado;
- baba de moça;
- ambrosia;
- angu de milho com frango;
- costela com mandioca;
- pau a pique;
- furundum;
- luar;
- serem;
- arroz com galinha caipira;
- tutu de feijão;
- arroz com suã;
- arroz com angu;
- pamonha;
- pão Pereira.

Já o grupo de moradores recentes, sete dos dez entrevistados responderam que o prato típico de Pirenópolis é:

- arroz com pequi (citado 4 vezes);
- empadão (citado 4 vezes);
- galinhada (citado 2 vezes);
- catolé;
- jurubeba;
- peixe na telha;
- baru;
- feijão tropeiro;
- verônicas;
- guariroba;
- pamonha.

Interessante observar que a única moradora tradicional que respondeu que não existe prato típico é dona (entrevistada D) da mais antiga fazenda aberta à visitação do Estado de Goiás tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1965. Lá é servido um café colonial goiano com biscoitos, bolos, broas,

melado de tacho, carne de lata, garapa, paçoca de carne seca, pamonha frita e outras comidas. Possui grande conhecimento baseado em pesquisa e resgate da forma como eram feitas as comida no tempo colonial e afirma que nada é típico de Pirenópolis mas sim de Goiás. É interessante observar também que a população tradicional foi capaz de mencionar mais itens de culinária local do que a população mais recente.

Seria necessário uma pesquisa aprofundada para averiguar a origem dos pratos. No entanto, como este estudo propõe compreender a identidade de Pirenópolis, podemos dizer que uma vez que as pessoas consideram certos pratos como típicos, os tornando parte do seu hábito alimentar, independentemente da origem deles, temos aí uma identificação pela incorporação da culinária Goiana.

Oito moradores tradicionais e três moradores recentes responderam que os pratos típicos citados por cada um deles está presente no seu dia-a-dia. Dentre as justificativas do segundo grupo para o fato da não presença dos pratos típicos citados estarem presentes no cotidiano local, temos: pessoas que não comem carne ou têm outros costumes ou pessoas que consideram essa comida pesada.

Há alguns restaurantes que servem comida regional goiana e restaurantes que oferecem cardápio do Brasil em geral, ou de vários países como: comida italiana (pizzas e massas), comida de Singapura e comida francesa. Com o turismo, houve uma ampliação nos tipos de restaurantes. Há uma divergência demonstrada pelos moradores tradicionais quanto a essa introdução de novos hábitos alimentares no comércio. Alguns poucos moradores recebem bem a opção oferecida, porque freqüentam restaurantes. Já outros acham que isso contribui para a perda de identidade.

No que diz respeito ao artesanato, houve uma concordância razoável de opiniões entre os dois grupos. Na tabela 3 temos o resultado das perguntas : Na primeira linha da tabela as respostas de: “Quanto ao artesanato local, o que era feito antigamente e continua a ser feito?”. Na segunda linha da tabela os resultados da pergunta: “O que parou de ser feito?”. Na terceira, estão os resultados para a pergunta: “O que foi trazido como novidade

no artesanato local?”. Na última linha “Como você vê o artesanato feito para vender aos turistas?”

Há unanimidade quanto à prata sendo novidade no artesanato local. Uma artesã (entrevistada J), afirmou que existem cerca de 130 oficinas e 300 pessoas envolvidas diretamente na confecção artesanal de peças de prata. Pirenópolis é considerada a “Capital da Prata” de Goiás graças a presença de vários artesãos que lá chegaram na década de 1980.

Tabela 3 – Resultados das perguntas referentes ao artesanato local.

	<b>MORADORES TRADICIONAIS</b>	<b>MORADORES RECENTES</b>
O QUE ERA FEITO ANTIGAMENTE E CONTINUA A SER FEITO?	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ esculturas de barro (4)</li> <li>➤ cavalinhos das Cavalhadas (3)</li> <li>➤ máscaras das Cavalhadas (3)</li> <li>➤ tecelagem (3)</li> <li>➤ pinturas (2)</li> <li>➤ cerâmica (2)</li> <li>➤ vasilhas de barro</li> <li>➤ flores das Cavalhadas</li> <li>➤ esculturas de madeira</li> <li>➤ gamelas de madeira</li> <li>➤ trabalho em palha</li> <li>➤ móveis</li> <li>➤ casas de adobe</li> <li>➤ açúcar e rapadura</li> <li>➤ roupas</li> <li>➤ colchas de retalho</li> <li>➤ trem de barro</li> <li>➤ cobertas e colchas</li> <li>➤ esculturas de pedra</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ máscaras das Cavalhadas (5)</li> <li>➤ esculturas de barro (3)</li> <li>➤ tecelagem (4)</li> <li>➤ pinturas (2)</li> <li>➤ roupas dos cavalheiros (2)</li> <li>➤ bom ferreiro</li> <li>➤ bom oleiro (meios e modos de produção diferentes)</li> <li>➤ flores das Cavalhadas</li> <li>➤ cerâmica</li> <li>➤ vasilhas de barro</li> </ul>
O QUE ERA FEITO ANTIGAMENTE E PAROU DE SER FEITO?	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ bonecas de pano (2)</li> <li>➤ colchas de algodão no tear</li> <li>➤ colher de pau</li> <li>➤ gamelas</li> <li>➤ crochet</li> <li>➤ bordado</li> <li>➤ bancos</li> <li>➤ brinquedos (bonecas de sabugo, bolas de meia, carrinho de lobeira)</li> <li>➤ violinos</li> <li>➤ não lembra</li> <li>➤ nada</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ cachaça (diminuiu o número)</li> <li>➤ trabalhos em pedra sabão</li> <li>➤ não sabe (5)</li> <li>➤ não tem</li> </ul>

O QUE FOI TRAZIDO COMO NOVIDADE NO ARTESANATO LOCAL?	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ prata (9)</li> <li>➤ roupas</li> <li>➤ quadros</li> <li>➤ trabalhos com pedra</li> <li>➤ casinhas de pedra</li> <li>➤ móveis rústicos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ prata (9)</li> <li>➤ artesanato em madeira</li> <li>➤ cerâmica c/ pigmentos naturais</li> <li>➤ tapeçaria</li> <li>➤ trabalho em metais</li> <li>➤ madeira (uma nova forma de trabalhar)</li> <li>➤ tecelagem (desdobramentos)</li> <li>➤ tecelagem como comércio</li> <li>➤ mosaico</li> <li>➤ casinhas de pedras</li> <li>➤ móveis rústicos</li> <li>➤ marcenaria requintada</li> <li>➤ aproveitamento de frutas e flores do cerrado</li> </ul>
QUAL É A QUALIDADE DO ARTESANATO SENDO VENDIDO AOS TURISTAS	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ boa (8)</li> <li>➤ mais ou menos</li> <li>➤ não conhece</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ boa (6)</li> <li>➤ não tem opinião (2)</li> <li>➤ tem de todas qualidades (2)</li> </ul>

OBS: Os números entre parênteses se referem ao número de vezes que foram citados

Algumas mudanças parecem ter sido introduzidas no artesanato local frente ao aumento de pessoas oriundas do turismo. Houve um resgate da tecelagem que parecia ter desaparecido, sendo que hoje se utiliza de fios e materiais que não existiam antes, quando até o fio era fiado a partir do algodão produzido localmente. Hoje o produto passou a ser comercializado. Há várias pessoas que vieram de outras cidades, principalmente de São Paulo, e trouxeram inovações aos trabalhos.

Todos os entrevistados responderam que houve modificação no comércio em função do turismo. Dentre os aspectos apontados como modificação ocorrida do turismo estão:

- o aumento do comércio (apontado por 6 moradores tradicionais e 8 moradores recentes);
- a diversificação de produtos (apontado por 5 moradores tradicionais e 4 moradores recentes);
- a melhoria na qualidade dos produtos (apontado por 3 moradores tradicionais e 1 morador recente);

- a inflação do custo de vida (apontado por 2 moradores tradicionais e 2 moradores recentes);
- a melhoria no atendimento (apontado por 1 morador tradicional).

O turismo trouxe aumento de riqueza econômica para o município, mas não há indicação de ter contribuído para a melhoria da saúde e de outros aspectos que podem gerar a felicidade.

*“Interferiu na vida das pessoas, que ficaram mais capitalistas, perderam a pureza, a identidade.” (entrevistada R)*

Apenas três moradores tradicionais e três recentes afirmaram que ficou difícil comprar certas mercadorias em função do turismo. Dentre os itens apontados como difíceis de se encontrar estão imóveis (citado 4 vezes), artigos naturais antes oferecidos na porta de casa, que incluem queijo e carne.

Há uma crescente especulação imobiliária na cidade onde proprietários de casarões antigos (muitas vezes de famílias tradicionais) acabaram as vendendo a compradores de São Paulo e Rio de Janeiro. A mudança de economia na região resultou na população local se ver desprovida de recursos e com a impossibilidade de conservar as casas. Mas nem tudo parece negativo. Segundo depoimentos de entrevistados mais idosos, essas pessoas fizeram reformas nas casas e tiveram o cuidado de manter a originalidade das mesmas.

Houve também um loteamento das propriedades rurais. Esse parcelamento acarretou, segundo conversa informal com o Secretário de Cultura e Turismo, Itamar Gonçalves de Bastos, um impacto ambiental negativo, já que cada propriedade precisa ter uma casa com luz, água e esgotamento sanitário o que resulta em desmatamento. Houve também um parcelamento de lotes residenciais urbanos, onde sobrados foram construídos nos fundos dos quintais de algumas casas.<sup>24</sup>

---

<sup>24</sup> Caso citado pelo entrevistado XX, Arquiteto.

Quanto à pergunta: “O turismo trouxe mudanças no tipo de lazer das pessoas?”, oito moradores tradicionais e sete moradores recentes disseram que sim. As respostas dos moradores tradicionais às mudanças foram:

- havia mais cinema ( citado 3 vezes);
- havia mais teatro (citado 2 vezes);
- havia mais bailes (citado 3 vezes);
- hoje existem mais bares (citado 3 vezes);
- havia ópera;
- havia muita música;
- acabaram as serenatas;
- havia a rua do lazer na Rua Direita;
- havia *pic nic* na beira do rio;
- antigamente se jogava cabacinhas (potes de cera com água perfumada) nas pessoas na época de Carnaval;
- a cidade era pacata;
- antes havia clubes;
- hoje há mais opção de restaurantes;
- as artes melhoraram;
- não é possível mais se passear nas ruas.

Já as respostas dadas pelo grupo de moradores recentes foram:

- as cachoeiras são muito movimentadas (citada 3 vezes);
- não existe serenatas, teatro e cinema;
- as ruas são mais movimentadas;
- o cinema é pobre;
- hoje o lazer é bar;
- há uma diferença grande na mobilidade das pessoas, na ocupação dos espaços públicos;
- é preciso pagar para se ter acesso às cachoeiras;
- não existiam pesque e pagues;

- pizzarias foram introduzidas;
- hoje não tem lazer.

Podemos ver que existe um saudosismo dos moradores tradicionais por um tempo em que as artes eram parte da diversão regional. Devido a diferença de idade entre os dois grupos, fica difícil afirmar que essas mudanças foram exclusivamente em função do turismo e não devido a uma evolução dos tempos e do progresso tecnológico. O fato é que as ruas estão mais movimentadas (principalmente nos finais de semana), com mais bares e restaurantes e um conseqüente aumento na ocupação dos espaços públicos.

Na opinião de oito dos moradores tradicionais e seis moradores recentes houve uma melhoria na infra-estrutura básica em função do turismo como podemos ver na tabela 4 a seguir.

Tabela 4 – Melhoria na infra-estrutura em função do turismo.

<b>MORADORES TRADICIONAIS</b>	<b>MORADORES RECENTES</b>
➤ iluminação subterrânea (citado 3 vezes)	➤ Bombeiros (citado 3 vezes)
➤ tem mais guardas (citado 2 vezes)	➤ aumento no n° de guardas (citado 3 vezes)
➤ tem mais hospitais (citado 2 vezes)	➤ educação superior (Pedagogia e História)
➤ posto de saúde	➤ asfalto das ruas melhorou
➤ hoje tem corpo de bombeiros	➤ segurança (coronelismo acabou)
➤ telefone	➤ comunicação melhorou
➤ estradas	➤ iluminação subterrânea
➤ replantio de árvores nas margens do Rio das Almas	➤ segurança eficiente
	➤ esgotos no rio das Almas

Há indicações de que várias benfeitorias na infra-estrutura básica advieram do turismo. No entanto, o reconhecimento de que há muito a ser feito. Ainda falta uma rede de esgotos compatível com o aumento significativo de turistas em determinados períodos. A água e a luz chegam a faltar em épocas de cheia e o lixo aumenta.



*Aumentou a demanda<sup>25</sup> e os serviços não acompanharam (entrevistado N).*

O número de policiais parece ter aumentado significativamente, porém não a segurança. Várias pessoas relataram o maior número de roubos nas casas e nas ruas da cidade, problema verificado nos depoimentos de que hoje já não se conhece mais as pessoas que andam nas ruas ou que já não se pode mais deixar as portas das casas abertas. Outro fator apontado e que pode ser confirmado em levantamento de campo é a falta de banheiros públicos em funcionamento.

*O individualismo e a autonomia extremos com freqüência desenvolvem-se inconscientemente, como conseqüência da retração autoprotetora de tensão. As pessoas que alcançaram esta autonomia continuam dependentes dos grupos sociais dos quais são parte, mas esta dependência manifesta-se quase exclusivamente por meio do dinheiro (DUBOS, 1974: 138).*

Tão grave quanto os efeitos de deterioração do ambiente são as conseqüências na qualidade dos relacionamentos humanos. O mundo social pessoal se amplia, pois se conhece cada vez mais pessoas, mas a profundidade dos relacionamentos diminui. É evidente o aumento do fluxo de pessoas na cidade, porém é questionável o tipo de relação que é estabelecido entre turista e população receptora, e entre os próprios moradores frente às mudanças de hábitos.

Quanto à pergunta “As festas religiosas sofreram influência do turismo?”, apenas três moradores tradicionais responderam que sim. Os motivos apontados por eles foram: algumas festas de santos não existem mais; hoje tem missas todos os dias; não existem mais leilões e novenas; e, as festas religiosas perderam parte de sua identidade.

Apenas dois moradores recentes afirmaram que as festas religiosas sofreram influência do turismo. Os motivos apontados foram: hoje é um produto e viraram espetáculos; há exibicionismo; os pousos de Folia lotam com pessoas de fora; e, muitas das festas de santos deixaram de acontecer por causa do número de pessoas

---

<sup>25</sup> Demanda por luz, água e coleta de lixo.

A maioria das pessoas disseram que as festas religiosas sofreram influência da igreja de forma a torná-las pagãs mas não por causa do turismo.

Todos entrevistados, exceto uma moradora recente que desconhecia a existência, afirmaram que há muitas histórias e lendas na região como:

- várias histórias de assombração;
- Família Frota<sup>26</sup>;
- cavalheiros desmancharam garimpo que estava poluindo o rio;
- Santa Dica<sup>27</sup>;
- serpente no fundo da lagoa que queria pegar combatentes de guerra e protegia Santa Dica.

Até mesmo lendas conhecidas nacionalmente apareceram nas respostas como sendo da região como: saci, mula sem cabeça e lobisomem.

De acordo com a resposta de seis moradores tradicionais e sete moradores recentes, elas estão sendo passadas à frente. Os motivos apresentados pelos que disseram que essas lendas não estão sendo repassadas incluem a televisão e a Internet, ou os tempos que mudaram e não há interesse por parte das crianças.

Quanto à pergunta “Existe alguma coisa de Pirenópolis que você sente saudades?”, quase todos entrevistados responderam que sim (nove moradores tradicionais e oito moradores recentes). Os aspectos mais citados pelo primeiro grupo são referentes às festas e acontecimentos artísticos e culturais, enquanto que o segundo grupo sente saudades do espírito de tranquilidade, de um sossego que não existe mais. Principalmente nos finais de semana, feriados e férias, o tempo de lazer, que para eles ficou para trás é talvez parte do que os atraiu para aquela cidade. Várias pessoas disseram que vão às cachoeiras e curtem a cidade durante a semana, quando o movimento de pessoas é menor (Tabela 5).

---

<sup>26</sup> História de um abastado minerador, Antônio Rodrigues Frota, que possuía um castelo à margem direita do Rio das Almas. De tão rico sua esposa costumava dizer que “era mais fácil o Rio das Almas subir de volta à Serra que o ouro do Frota acabar”.

<sup>26</sup> Benedita Cipriano Gomes, falecida em 1970 é tida como uma mulher carismática e milagreira.

Tabela 5 – Aspectos que os moradores sentem saudades.

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES RECENTES
➤ serenatas (citado 3 vezes)	➤ silêncio (citado 2 vezes)
➤ cinema e teatro	➤ tranqüilidade (citado 2 vezes)
➤ leilões nas portas de igreja	➤ cordialidade
➤ vai e vem na rua Direita	➤ feriados tranqüilos
➤ festas em casas	➤ carnaval tranqüilo
➤ bailes	➤ sossego
➤ festa dos Pirineus	➤ liberdade de movimento
➤ acampamentos	➤ liberdade
➤ presépios	➤ cachoeiras vazias e sem ter de pagar
➤ de andar a noite pelas ruas	➤ de mais animais (ema, lobo guará)
➤ de roubar galinha	➤ de andar pelas ruas
➤ bate papo nas casas das pessoas	➤ da andar a cavalo
➤ convivência familiar	➤ serenatas
➤ educação	➤ de sentar na porta da igreja matriz curtindo
➤ músicas tradicionais	➤ da folia do Divino com a tradição nas músicas e nos cantos
➤ música erudita	
➤ ronqueiras	
➤ badalar dos sinos da igreja	

Na pergunta referente ao sentimento do entrevistado frente ao turismo (Tabela 6) as respostas foram semelhantes entre os dois grupos. As pessoas se sentem valorizadas, respeitadas e envolvidas por causa das trocas comerciais. No entanto, se sentem invadidas, desrespeitadas e impotentes com a “zoeira”, a “bagunça”, com a agressividade e com a “*enchente, avalanche de gente. Foram chegando e tomando conta*”.(entrevistado I )

Tabela 6 – Sentimento do entrevistado frente ao turismo.

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES RECENTES
➤ valorizada, pois se apresentou para pessoas ilustres	➤ respeitada, valorizada e envolvida em virtude do trabalho. invadida com barulho e algazarra
➤ desrespeitada, dependendo do turista	➤ valorizado, evoluiu profissionalmente com as encomendas
➤ respeitada e valorizada no seu trabalho	➤ invadido e desrespeitado - som e agressividade. impotente, porque não ser representado por um poder executivo e legislativo capaz de organizar este setor
➤ invadida pelos turistas bagunceiros, diferente do turista que vem para conhecer a cidade	➤ respeitada e valorizada pois os clientes percebem a beleza de seu trabalho. desrespeitada com o turismo
➤ respeitado, valorizado e envolvido no trabalho. incomodado frente aos maus turistas	➤ respeitada, valorizada e envolvida. tudo que acontece na cidade eu sou convidada
➤ valorizada, reconhece a importância da cultura	➤ envolvida, por causa do comércio
➤ envolvida, meio de sobrevivência	➤ invadida pelo fato dos turistas tomarem conta de todos os espaços
	➤ valorizado, estar perto de grandes capitais e ter um outro meio de sobreviver

Houve um aumento significativo de jovens que visitam Pirenópolis para passar final de semana. Oriundos principalmente de Brasília e Goiânia, eles dormem barato, bebem muito e fazem barulho. É comum se ver carros abertos parados equipados com possantes caixas de som e rodeados por pessoas dançando de dia e à noite. Essa é uma queixa constante dos moradores.

As respostas dos dois grupos para a pergunta “A cidade sobreviveria sem o turismo?” são bem ambíguas. Aquelas pessoas que responderam sim argumentam que Pirenópolis já viveu 260 anos, porque acabaria agora. Mencionam que seria complicado, mas sobreviveria. Outros dizem que cairia muito (40%) e alguns acham que sobreviveria, mas geraria desemprego<sup>28</sup>. A opinião do entrevistado N deixa claro que a cidade está vivendo: um momento de falta de gestão e controle sobre a atividade:

*A continuar nós vamos perder o produto e a base de sustentabilidade deste produto - o social.(entrevistado N)*

A última pergunta foi: “Você acha que houve degradação de áreas naturais (rios, matas, cerrado) no entorno da cidade em função do turismo? Em que sentido?”. As respostas incluíram alguns fatores já levantados anteriormente em outras perguntas. Vários são os impactos negativos da atividade turística não planejada, que segundo os entrevistados são visíveis no ambiente urbano e rural. Dentre as respostas que apontaram degradação de áreas naturais estão:

- poluição dos rios (citado 4 vezes);
- expansão urbana invadindo a paisagem (citado 3 vezes);
- loteamentos (citado 3 vezes);
- áreas de camping na beira dos rios;
- invasão das áreas verdes;
- desmatamentos.

---

<sup>28</sup> Segundo o Secretário de Cultura e Turismo – Itamar Gonçalves de Bastos a extração de pedras constitui a primeira fonte de renda do município seguida do turismo.

O objetivo desta pergunta foi determinar até aonde a sociedade Pirenopolina percebe a degradação do ambiente físico natural. Segundo Dubos (1974) a cultura é determinante no processo de relação (reverência ou dominação e controle) da natureza.

A aglomeração decorrente da crescente urbanização pode prejudicar as qualidades físicas e espirituais da vida humana devido a aspectos como: estreitamento das perspectivas, restrições à liberdade pessoal (controle central cada vez maior), deterioração dos serviços profissionais e sociais, destruição de mais áreas verdes, congestionamentos de tráfegos, falta d'água e todas as formas de poluição ambiental (DUBOS, 1974: 132). O depoimento do entrevistado demonstra tais preocupações como pode ser observado:

*O turismo trouxe degradação no ambiente urbano: fragmentação dos lotes, derrubada de árvores, fluxo de veículos - emissão de poluentes, trepidação das construções por veículos pesados, sobrecarga de efluentes, expansão de novos parcelamentos de áreas no entorno (pasto e cerrado), construção de sobrados nos fundos de quintais. Na zona rural: desmatamentos. (entrevistado N)*

## 6. CONCLUSÕES

Alguns comportamentos alheios ao modo de vida dos Pirenopolinos parece que passaram pela ignorância inicial como condições indesejáveis e acabaram constituindo um hábito pela exposição contínua. Agora essas condições – que quando experimentadas pela primeira vez talvez tenham escapado à percepção consciente, estão provocando um momento em que a tensão existente urge a formulação de um novo senso comum que incorpore a natureza cultural, histórico-religiosa e o turismo de forma harmoniosa.

A utilização do termo Ecoturismo para definir o tipo de turismo existente em Pirenópolis, não é adequado. Há indicações de que o desenvolvimento do turismo no município aconteceu de forma desordenada e sem planejamento. Não houve a participação dos vários setores envolvidos (governo, setor privado, comunidade organizada e organizações não-governamentais). Ainda se percebe que há um predomínio do sentimento de não inclusão dos moradores nos processos de decisão sobre o planejamento turístico. Alguns moradores viram no potencial turístico de Pirenópolis a oportunidade de iniciarem atividade econômica, seja como guia, vendendo artesanato ou trabalhando nos hotéis e pousadas.

O bem estar da população envolvida se encontra vinculado à busca de uma melhoria de renda para as famílias. Portanto, o favorecimento das relações econômicas são priorizadas enquanto que os impactos negativos econômicos, sócio-culturais e ambientais são sentidos de forma inesperada.

*A crítica é quanto à transformação do patrimônio em bem de consumo. O patrimônio deixa de ser valioso por sua significação na história ou na identidade local e passa a ser valioso porque pode ser “vendido” como atrativo turístico (BARRETO, 2000: 32).*

Com o fluxo de turistas ao município criou-se uma demanda por serviços afins. Algumas pessoas de Pirenópolis e de outras cidades viram a possibilidade de criar um negócio relacionado ao aumento de visitantes e focaram sua atenção em atividades novas, muitas vezes migrando para a região. Houve uma especulação imobiliária, onde as pessoas

locais venderam suas casas em decorrência da revitalização do centro histórico e foram para a periferia na esperança de melhoria de vida, fragilizando os elos de cultura local.

Os impactos culturais favoráveis como a valorização da herança cultural, a valorização do artesanato, o orgulho étnico e a valorização e a preservação do patrimônio histórico como sugere Ruschmann (1997) ficam renegados a um segundo plano.

Uma preocupação ressaltada pelos entrevistados diz respeito ao incentivo ao turismo. Percebe-se um ressentimento da população local com relação à omissão da Prefeitura Municipal no que diz respeito à melhoria de infra-estrutura básica e de apoio ao turismo. Ao mesmo tempo, existe a disposição por parte de certos empreendedores e moradores locais em dialogar na busca de uma melhoria da atividade turística, tanto para os visitantes como para a comunidade local.

As respostas dadas pelos dois grupos não diferiram tanto, no entanto, elas são baseadas em suposições. A análise das respostas não pode ser considerada retrato da realidade pois a amostragem não é suficientemente grande que permita fazer inferências mais decisivas. É indicado um estudo mais aprofundado que reuna uma amostragem quantitativa e qualitativa sobre os impactos do turismo sobre a identidade Pirenopolina. Para isso, foi elaborada uma tabela (Tabela 7) baseada na Metodologia SWOT<sup>29</sup> segundo depoimentos e respostas nas entrevistas

Tabela 7 – Análise SWOT.

<b>PONTOS FORTES</b>	<b>PONTOS FRACOS</b>
➤ Festas e manifestações religiosas	➤ Precário controle fiscal (ISS) pela prefeitura
➤ Comidas típicas regionais	➤ Inadequada disposição e tratamento do lixo
➤ Diversidade de artesanato e produção artística	➤ Lançamento de esgoto in natural no Rio das Almas
➤ Espaços para eventos culturais	➤ Falta de controle ao consumo e distribuição de drogas
➤ Local de lazer para jovens	➤ Precário atendimento para emergências
➤ Diversidade de atrativos culturais	➤ Falta de sinalização das estradas
➤ Patrimônio histórico e arquitetônico	➤ Restauração inadequada de alguns atrativos culturais
➤ Grande beleza cênica	➤ Igreja Matriz destruída
➤ Proximidade de grandes capitais	➤ Inexistência de Educação Ambiental
➤ Cordialidade das pessoas	

<sup>29</sup> Do inglês strengths, weakness, opportunities e threats.

<b>OPORTUNIDADES</b>	<b>AMEAÇAS</b>
➤ Apoio ao ecoturismo no programa do novo Governo Federal	➤ Degradação pela exploração da pedreira
➤ Reeleição do Governador do Estado de Goiás	➤ Poluição do Rio das Almas
➤ Ecoturismo em evidência no mercado interno e externo	➤ Descaracterização do casario antigo
➤ Breve inauguração do aeroporto local	➤ Precária manutenção do patrimônio edificado tombado
➤ Grande interesse dos turistas pelo patrimônio histórico edificado e cultural	➤ Aumento da violência, depredação e pichação do patrimônio
➤ Novos postos de trabalho	➤ Especulação imobiliária
➤ Interesse pela culinária goiana	➤ Superlotação da cidade nos finais de semana e feriados
➤ Divulgação por novelas, filmes, etc mostrando os atrativos naturais e culturais	➤ Expansão urbana
➤ Forte demanda de turistas por visitas a áreas naturais	
➤ Disposição de grupos organizados na discussão da melhoria da gestão do turismo	

O impacto central está relacionado ao desrespeito à identidade da região. O turismo é um agente de transformação e quando não há estratégias mais adequadas, podem ocorrer desvalorizações às tradições e aos modos de vida. No caso dos Pirenopolinos, o turismo vem interferindo numa expressão essencial da cultura, sua própria identidade. Com o crescimento acelerado desta atividade decorreram intromissões que acabaram impactando a pacata cidade.

O turismo representa uma nova tendência econômica e formas de aproveitá-la. A atividade turística simboliza uma ligação com o mundo, novas possibilidades de adquirir conhecimentos e meios de se constituir amigos. Mas o turismo também pode acarretar desordem, o inevitável sentimento de perda de um tempo tranqüilo, que tem levado alguns moradores mais recentes e grupos de Pirenopolinos a se organizarem em busca de um novo reequilíbrio.

Pode-se concluir que há a necessidade de uma avaliação mais criteriosa da gestão do turismo em Pirenópolis para minimizar os impactos negativos e otimizar os positivos, garantindo a sustentabilidade da atividade respeitando os aspectos sociais, econômicos e ambientais. O ecoturismo através de uma avaliação participativa da comunidade, pode procurar incluir aspectos relevantes considerados importantes pelos diferentes atores. A gestão do ecoturismo deve ser compartilhada entre o Poder Público local, empreendedores e a própria comunidade.



Tal princípio está de acordo com o proposto por Barreto (2001) que sugere que o desenvolvimento do turismo pode ser harmônico ao buscar alternativas que incluem:

*... o paradigma da sustentabilidade que reúne o aspecto econômico (a atividade deve ser rentável para a comunidade), o social (a convivência entre visitante e visitado deve ser no respeito à alteridade) e o ambiental (há uma quantidade máxima de turistas que não pode ser ultrapassada sob pena de ocasionar vários níveis de desconforto) (BARRETO, 2001: 12).*

## APÊNDICES

### A - MODELO DO ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA

NOME:

IDADE:

PROFISSÃO:

1. Há quanto tempo você mora em Pirenópolis?
  
2. O que o turismo trouxe de bom para Pirenópolis?
  
3. O que o turismo trouxe de ruim para Pirenópolis?
  
4. As famílias tradicionais de Pirenópolis saíram para morar em outra cidade?  
 Sim ( ) Não ( )
  - 4.1 Explique sua resposta.
  - 4.2 Elas voltam eventualmente em alguma data específica?  
 Sim ( ) Não ( )
  - 4.3 Qual?
  
5. Existe um prato típico de Pirenópolis?  
 Sim ( ) Não ( )
  - 5.1 Qual?
  - 5.2 Ele está presente no seu dia a dia?  
 Sim ( ) Não ( )
  - 5.3 A comida servida nos restaurantes hoje em dia, faz parte dos costumes daqui?  
 Sim ( ) Não ( )
  
6. Quanto ao artesanato local, o que era feito antigamente e continua a ser feito?
  - 6.1 O que parou de ser feito? Por que?
  - 6.2 O que foi trazido como novidade no artesanato local?
  - 6.3 Como você vê o artesanato feito para vender aos turistas?  
 ( ) Bom ( ) Médio ( ) Ruim
  
7. O comércio se modificou em função do turismo?  
 Sim ( ) Não ( )
  - 7.1 Por favor , explique sua resposta?
  - 7.2 Existe algo que ficou difícil encontrar para comprar em função do turismo?  
 Sim ( ) Não ( )
  - 7.3 O que?

8. O turismo trouxe mudanças no tipo de lazer das pessoas?  
Sim ( ) Não ( )  
8.1 Explique sua resposta.
9. A infra-estrutura da cidade ( abastecimento de água, educação , saúde, segurança, etc.) melhorou ou piorou com o turismo?  
( ) Melhorou ( ) Não faz diferença ( ) Piorou  
9.1 Por favor, explique sua resposta.
10. As festas religiosas sofreram influência do turismo?  
Sim ( ) Não ( )  
10.1 Em que sentido?
11. Existem lendas e histórias daqui dessa região?  
Sim ( ) Não ( )  
11.1 Se sim, por favor dê exemplos. Se não, por favor explique sua resposta.  
11.2 Isto está sendo passado a frente para as crianças de hoje e por quê?
12. Existe alguma coisa de Pirenópolis que você sente saudades?  
Sim ( ) Não ( )  
12.1 O que?
13. Como você se sente em função do turismo?  
( )respeitada ( )desrespeitada  
( )valorizada ( )desvalorizada  
( )envolvida ( )excluída  
( )invadida ( )outro sentimento \_\_\_\_\_  
13.1 Por quê?
14. A cidade sobreviveria sem o turismo?  
Sim ( ) Não ( )  
14.1 Explique sua resposta.
15. Você acha que houve degradação de áreas naturais (rios, matas, cerrado) no entorno da cidade em função do turismo?  
Sim ( ) Não ( )  
15.1 Explique sua resposta

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRUDA, Angela. “O Ambiente Natural e Seus Habitantes no Imaginário Brasileiro - Negociando a Diferença” In Arruda, Angela (org.). **Representando a Alteridade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- ARRUDA, Marcos. “Globalização e Desenvolvimento Comunitário Autogestionário”, In , Arruda, Marcos. & Boff, L. (orgs). **Globalização: Desafios socioeconômicos, éticos e educativos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, pp. 159-187.
- BARRETO, Margarida. **Turismo e Legado Cultural: As possibilidades do planejamento**. Campinas: Papirus, 2000.
- BARRETO, Margarida & BANDUCCI JR., Álvaro (orgs). **Turismo e Identidade Local – Uma Visão Antropológica**. Campinas: Papirus, 2001
- Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo**, MICT/MMA, março de 1995.
- DUBOS, René Jules , **Um animal tão Humano: Como somos Moldados pelo Ambiente e pelos Acontecimentos**, São Paulo: Melhoramentos, 1974.
- FARIA, Dóris Santos de & CARNEIRO, Kátia Saraiva. **Sustentabilidade Ecológica no Turismo**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- GUARESCHI, Pedrinho & JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs). **Textos em Representações Sociais**. 2a edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo - Para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1989.

LINDBERG, Kreg, Hawkins, Donald E.(editores).**Ecoturismo: Um Guia de Planejamento e Gestão**. Tradução de Leila Cristina de M. Darin. 3a edição. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1999.

MOLINA, Sérgio. **Turismo e Ecologia**. Tradução de Josely Vianna Baptista. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

MURTA, Stela Maris & ALBANO, Celina. “Interpretação, Preservação e Turismo: Uma Introdução”. In: Murta, Stela Maris & Albano, Celina(orgs.). **Interpretar o Patrimônio: Um exercício do olhar**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Território Brasília, 2002.

OLIVEIRA, E. M, Quintas, J. S. e GUALDA, Maria José. **Diretrizes para Execução da Política Nacional de Meio Ambiente/Educação Ambiental - Proposta Preliminar para Discussão**. Brasília, 1991.

PETRAGLIA, Cristina. **Edgar Morin: A Complexidade do ser e do saber**, São Paulo: Vozes, 1995.

RUSCHMANN, Dóris. **Turismo e Planejamento Sustentável: A Proteção do Meio Ambiente**. Campinas, SP: Papyrus, 1997.